



FATEB

FACULDADE DE TELÊMACO BORBA

ALAN HENRIQUE ROCHA PIETROCHINSKI

VÍVIAN FORTES DA SILVA

**PROPOSTA DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DAS
TRILHAS DO PARQUE ESTADUAL DO GUARTELÁ**

Telêmaco Borba

2008

ALAN HENRIQUE ROCHA PIETROCHINSKI
VÍVIAN FORTES DA SILVA

**PROPOSTA DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DAS
TRILHAS DO PARQUE ESTADUAL DO GUARTELÁ**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Turismo, da Faculdade de Telêmaco Borba, como requisito parcial de conclusão de curso.

Orientador: Prof. Ms. Dircéia Antunes de Oliveira

Telêmaco Borba

2008

PIE PIETROCHINSKI, Alan Henrique Rocha e SILVA, Vívian Fortes da
Proposta de Sinalização Turística das Trilhas do Parque
Estadual do Guartelá / Alan Henrique Rocha Pietrochinski; Vívian
Fortes da Silva. – Telêmaco Borba, PR : [s.n], 2008.
58f.

Orientador: Ms. Dircéia Antunes de Oliveira.
Monografia (TCC) – Faculdade de Telêmaco Borba.
Bibliografia: f.

1. Turismo. 2. Sinalização Turística em Trilhas. 3. Parque
Estadual do Guartelá. I. Oliveira, Dircéia Antunes. II. Faculdade de
Telêmaco Borba.

CDD 338.479182

A Deus por nos ter dado a dádiva da vida,
A família magistral que temos, que honrou com esse dom divino
E os amigos fiéis, que nos ajudaram a tornar a vida mais gostosa de viver...

AGRADECIMENTOS

Alan Henrique Rocha Pietrochinski agradece:

Agradeço a Deus, por me dar força e inspiração para continuar e nunca desistir.

Aos meus pais, Antonio e Elian, que não mediram esforços para que eu realizasse esse sonho.

A toda minha família, irmãos, cunhada, sobrinho, primos tios e avós, que sempre me incentivaram a seguir firme nesse caminho.

A minha namorada Karolline, que esteve comigo durante esses anos passando por situações boas e ruins, que me agüentou durante muitas viagens falando de pictogramas e trilhas, pela sua dedicação, apoio e paciência.

Aos amigos e parceiros, Luis Antonio (Chuck Norris) e Murilo (Delegado), que sempre me deram apoio e fizeram com que por alguns minutos eu esquecesse o TCC.

A professora Michele, pessoa que admiro muito, agradeço por tudo que fez por nós durante todo esse tempo, pessoas como você não desaparecem de nossas memórias.

A professora Ana Cláudia, que apesar de não ser a nossa orientadora nesse trabalho, nos ajudou muito transmitindo seus conhecimentos, incentivando, dando dicas e procurando materiais, meus sinceros agradecimentos.

A professora Priscila Loro Milan, muito mais que coordenadora do curso, uma amiga que nos auxiliou do início ao fim desse trabalho.

A professora Dircéia, nossa grande amiga e orientadora, que fez tornar possível a conclusão desse trabalho, pelo apoio, paciência, orientação e confiança. Você que desde o primeiro dia de aula me apoiou e acreditou em meu potencial.

Aos demais professores que cruzaram nossos caminhos durante esses quatro anos, que ajudaram no meu desenvolvimento e vida acadêmica.

Ao Cristóvam, nosso amigo e companheiro que nos deu apoio para a conclusão desse trabalho, pessoa que nos transmitiu enorme conhecimento, que se esforçou para que conseguíssemos realizar a pesquisa no Parque Estadual do Guartelá, sem sua ajuda não teríamos chegado até aqui.

Ao Willians, que teve satisfação em nos conceder a entrevista, tirar todas nossas

dúvidas e dar apoio total à pesquisa.

Todos os acadêmicos do curso de Turismo da Fateb, que passaram a ser irmãos para mim, principalmente aos integrantes do quarteto, que faziam trabalho e colocavam meu nome.

A parceira de TCC Vívian, pela confiança, dedicação e principalmente paciência. Pessoa que me agüentou durante dias cantando as músicas do Corinthians no Parque. Ela que tem medo de ir até as pinturas rupestres e coloca música no celular pra espantar os bichinhos. Você foi essencial nessa etapa da minha vida. Eu disse que daria certo.

Vívian Fortes da Silva agradece:

A caminhada foi longa, os passos foram difíceis. Existiram momentos em que quis abandonar meus sonhos e desejos, por causa de fraquezas e desilusões momentâneas. Mas eles nunca me abandonaram. Eles sempre estiveram ao meu lado, estenderam seus braços para me ajudar, sem se preocupar se um dia eu lhes retribuiria este doce e terno apoio.

Por isso hoje eu ofereço a essas pessoas, nesse momento tão especial em minha vida, o meu eterno agradecimento:

A começar pelos meus pais, Jarmo e Celeste, e meu irmão Eduardo, por ser meu porto seguro, onde eu sempre irei encontrar a paz que preciso, o apoio, o conforto e principalmente o amor. Aqueles que sempre acreditaram no meu potencial.

Obrigada meus amigos, irmãos de caminhada, companheiros de sempre, que me ajudaram a crescer e trilharam comigo essa etapa tão importante da minha vida. Turma de Turismo da Fateb 2008, vocês fazem parte da minha história, sempre me lembrarei com carinho dos momentos que juntos passamos. Em especial os amigos mais “estranhos” que eu já tive... Alan, Flávia e Grazi, amo vocês! O quarteto nunca se separará em nossos corações.

Agradeço ainda mais a você Alan, meu parceiro de TCC, que sempre confiou em mim, que teve uma paciência enorme pra me agüentar durante essa etapa, que sempre me divertiu e alegrou nos dias mais chatos, que nunca me deixou sozinha, que sempre dormia no meio dos filmes que assistíamos a noite no alojamento do Quartelá e que sempre elogiou a comida que eu fazia, por mais simples que fosse. Não sei o que seria desse TCC sem você! Te amo muito irmão!

Obrigada a todos os professores, que transmitindo seus conhecimentos me fizeram crescer. Principalmente a Prof^a Ms. Dircéia Antunes de Oliveira, mais que

orientadora, uma grande amiga!

Profª Ms. Priscila Loro Milan e Profª Espec. Ana Cláudia Folmann, minhas co-orientadoras, incentivadoras que muito cooperaram para a conclusão desse trabalho.

Profª Michele Santos Machado, amiga carinhosa e atenciosa que nos ajudou por inúmeros momentos.

Ao amigo Cristóvam, pessoa que tem enorme conhecimento, e que foi peça fundamental para que conseguíssemos realizar esse estudo no belíssimo Parque Estadual do Guartelá.

E por último, porém o mais importante, agradeço à Santíssima Trindade, Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Presença forte e incomparável em minha vida, que sempre guiou meus passos durante a caminhada e agora se alegra comigo por essa conquista.

“... e como não se sentirá o homem pequeno diante desta gigantesca majestade esmagadora. E como se furtará ele de ser orgulhoso quando se lembrar que basta um aceno de sua mão para destruir toda esta obra de uma quase eternidade.”

(Alberto Loefgren)

PIETROCHINSKI, Alan Henrique Rocha e SILVA, Vívian Fortes da. **Proposta de Sinalização Turística das Trilhas do Parque Estadual do Guartelá**. 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Telêmaco Borba.

RESUMO

Esta pesquisa busca mostrar o quão é importante a sinalização em trilhas, utilizando como objeto de estudo o Parque Estadual do Guartelá, mostrando suas deficiências na área de sinalização através de pesquisa de campo, com formulários aplicados aos turistas e uma entrevista realizada com o responsável pela sinalização da Unidade. Através destes resultados, mostrar a insatisfação dos visitantes quanto aos problemas relacionados à sinalização encontrada nas trilhas desta Unidade de Conservação. Tendo como resultado a comprovação da necessidade de reformulação das placas das trilhas, de modo que todos entendam perfeitamente as informações que elas buscam transmitir e para que haja melhorias na qualidade da atividade turística. Assim sendo, este trabalho buscou desenvolver uma nova proposta de sinalização para o Parque Estadual do Guartelá, a qual visa não somente a maior comodidade do turista como também uma maior preservação do meio natural.

Palavras-chave: Turismo, Sinalização Turística em Trilhas, Parque Estadual do Guartelá.

PIETROCHINSKI, Alan Henrique Rocha e SILVA, Vívian Fortes da. **Proposition of the Touristic Singnalization in the Tracks of the State Park of Guartelá.** 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Telêmaco Borba.

ABSTRACT

This research tries to show how important it is to signalize the tracks, using as an object of study the State Park of Guartelá, showing its deficiencies in this area through a study of case, researching through form sheets given to the tourists and interviewing the person responsible for the signalization of the unit. Through the results we attend to show the dissatisfaction of the visitors assuring the problems encountered in the signalization of the Conservation Unit. As a result of this research was found the confirmation of the need to reformulate the sign plates of the tracks, in a way that all the everyone will understand perfectly the information that it is trying to show (the sign plates) and in search of better quality of the touristic activity. Thus, this work developed a new propositon of singnalization to the State Park of Guartelá, in which focus not only in the best commodiousness to the tourists, but also the best preservation of the natural environment.

Key-words: Tourism, Touristic Signalization of Tracks, State Park of Guartelá.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa Geomorfológico do município de Tibagi.	26
Figura 2 – Vista Parcial do <i>Canyon</i> do Parque Estadual do Guartelá.	27
Figura 3 – Rochas com feições ruiformes.....	28
Figura 4 – Vista Parcial da cachoeira Ponte de Pedra.	28
Figura 5 – Placa de sinalização totalmente deteriorada.	36
Figura 6 – Placa de sinalização incompleta.	37
Figura 7 – Placa de sinalização alertando sobre área de recuperação.....	37
Figura 8 – Placa praticamente sem pictograma.....	38
Figura 9 – Placa com pictograma danificado.....	38
Figura 10 – Placa degradada.....	39
Figura 11 – Placa com pictograma confuso.....	39
Figura 12 – Totem de madeira.....	48
Figura 13 – Placa para área de banho.....	49
Figura 14 – Indicação para cachoeira.....	49
Figura 15 – Sentido da trilha para mirante.....	50
Figura 16 – Placa indicando água potável.....	50
Figura 17 – Indicação para os visitantes não subirem nos arenitos.....	51
Figura 18 – Indicação de área restrita para banho.....	51
Figura 19 – Acesso apenas com guia.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Cidade de Origem dos visitantes entrevistados.....	40
Gráfico 2 – Faixa Etária dos visitantes entrevistados.....	41
Gráfico 3 – Grau de Escolaridade dos Entrevistados.....	41
Gráfico 4 – Quantas vezes o entrevistado já visitou o parque.....	42
Gráfico 5 – Opinião dos entrevistados em relação ao estado de conservação das placas de sinalização do parque.....	43
Gráfico 6 – Opinião dos Visitantes em relação às informações contidas nas placas de sinalização do parque.....	43
Gráfico 7 – Opinião dos Visitantes em relação ao número de placas.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2 O Turismo – Segmentos e equipamentos	18
2 Parque Estadual do Guartelá	25
2.1 Histórico e Localização	25
2.2 Atrativos Naturais e Potencial para Visitação	27
3 Trilhas	30
4 A Sinalização Turística	34
4.1 Sinalização Turística do Parque Estadual do Guartelá	36
4.2 Entrevista com Willians Rubéns de Mendonça	45
5 Proposta de Sinalização Turística	47
5.1 Placas de Caráter Indicativo	49
5.2 Placas de Caráter Restritivo	51
6 Considera�es Finais	53
REFERÊNCIAS	55
8 APÊNDICES	56
APÊNDICE - A	56
APÊNDICE - B	57
9 ANEXOS	58
ANEXO - A	25

INTRODUÇÃO

A atividade turística engloba diversas áreas e possui características singulares. Beni (2004, p. 36) sintetiza: “O Turismo abarca muitos aspectos que se centralizam no principal, isto é, os turistas”.

Ainda não foi possível encontrar um conceito que descreva a atividade turística completamente. Talvez isto se deva ao fato de que o turismo é um campo de estudo recente ou ainda pelo fato da atividade turística ser realmente muito ampla e englobar diversos aspectos, tornando-se uma área que permite abordagens interdisciplinares e multidisciplinares.

Alguns autores preferem utilizar um conceito holístico da atividade, assim como Fuster, para quem o turismo, se analisado de um lado, é apenas um conjunto de turistas; mas por outro, engloba os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Podendo considerar que turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender à demanda. Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo. Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras. (apud Moesch, 2002, p. 11)

Nesse sentido, Beni destaca que há tantas definições de Turismo quantos o número de autores que tratam do assunto. Mas quanto maior o número de pesquisadores que se preocupam em estudá-lo, tanto mais evidentes se apresentarão a amplitude e a extensão do fenômeno do Turismo e tanto mais insuficientes e imprecisas serão as definições existentes. Muitos autores chegam a considerar a extrema dificuldade para uma definição precisa e abrangente de Turismo, levando em conta que o fenômeno é tão grande e complexo que se torna praticamente impossível expressá-lo corretamente em uma única abordagem e, por isso, preferem observar invariavelmente seus aspectos parciais ou, pelo menos, algumas de suas realidades isoladas (Beni, 2004, p. 36).

O Turismo se divide em vários segmentos, entre eles, o ecoturismo, que é o turismo realizado em meio natural, e uma das áreas que vem crescendo na atualidade, perante a busca do “espaço verde”, que acontece devido ao grande

número de pessoas nos centros urbanos, que sentem a necessidade de sair desse ambiente em busca de lugares com ar puro, e que valorize a consciência ambiental.

Devido aos fatores citados acima, há um aumento considerável da demanda em Unidades de Conservação (UC), que segundo a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Fema) do Estado do Mato Grosso, são “áreas protegidas em regiões que possuem importantes recursos naturais, tais como: animais, plantas, córregos, rios, cachoeiras, morros e serras”. (CÂNDIDO, 2003, p. 69)

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) divide essas Unidades de Conservação em dois grupos, com diferentes categorias de manejo: Unidades de Conservação de Proteção Integral e Unidades de Conservação de Uso Sustentável.

As Unidades de Conservação de Proteção Integral têm o objetivo de preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto de seus recursos naturais. Já as Unidades de Conservação de Uso Sustentável têm o objetivo de compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais.

Existem sete categorias de unidades de conservação de uso sustentável e cinco categorias de unidades de conservação de proteção integral. Uma dessas cinco categorias é o Parque Nacional ou Estadual (dependendo do órgão que o mantém).

Os Parques Estaduais são parques de domínio público, criados pelo estado. A visitação é permitida, desde que não desrespeite as normas e restrições estabelecidas no plano de manejo do Parque.

No estado do Paraná, existem 29 parques estaduais, entre eles, o Parque Estadual do Guartelá, local onde será realizada a pesquisa.

O Parque foi criado no dia 27 de março de 1992, protegendo uma área com um rico patrimônio natural e arqueológico da região dos Campos Gerais. Possui uma estrutura considerada suficiente para atender o número de visitantes permitidos, porém, a sinalização é precária. Assim surge o interesse dos pesquisadores em analisar a atual situação da sinalização turística das trilhas do Parque Estadual do Guartelá, considerando que o turismo é uma atividade que busca a excelência em prestação de serviços e a importância do Parque Estadual do Guartelá, com o seu valor imaterial e a sua grande demanda turística.

Visando melhorias para o turista e para o Parque, os pesquisadores

buscarão averiguar de uma forma geral, a sinalização das trilhas internas do Parque Estadual do Quartelá. Analisando de que maneira as placas de sinalização das trilhas podem transmitir a mensagem de forma clara e concisa, se o material utilizado para a confecção das placas de sinalização está coerente com o meio onde se encontra, e se os visitantes conseguem se localizar utilizando apenas as placas de sinalização como fonte de referência, já que as trilhas são auto-guiadas.

Esta análise terá como base para seu desenvolvimento tais pesquisas:

- Pesquisa Exploratória: Observar e registrar os dados coletados no Parque;
- Pesquisa Qualitativa e Quantitativa: Pesquisar a opinião dos visitantes e quantidade que se encontra satisfeita ou insatisfeita com a sinalização das trilhas do Parque;
- Pesquisa Bibliográfica: Consultas em materiais já elaborados;
- Pesquisa Documental: Consultas em documentos da unidade, como por exemplo: fichas de visitação, Plano de Manejo, entre outros;
- Pesquisa de campo: Aplicação de formulários aos visitantes, buscando informações necessárias para a pesquisa qualitativa e quantitativa.

Entre os equipamentos turísticos, a sinalização é de fundamental importância, já que o turista geralmente estará em um local ainda desconhecido. Nas cidades e rodovias o padrão é que as placas turísticas recebam a coloração marrom, com letras e símbolos na cor branca, ganhando assim um destaque diferenciado das demais placas de sinalização existentes, fazendo com que estas sejam notadas mesmo a uma longa distância.

No caso das Unidades de Conservação, embora ainda não exista um padrão para as placas de sinalização, as mesmas costumam se adequar ao meio para causar o menor impacto visual possível. Além disso, as placas devem transmitir a indicação do atrativo, distância a ser percorrida, grau de dificuldade, animais que podem ser encontrados no caminho, informações sobre a fauna e flora locais. Assim, as placas tem como objetivo fazer com que aumente o uso público, evitando que os usuários se percam ou coloquem suas vidas em risco por falta de informação, além de atingir o ponto fundamental do ecoturismo que é a educação ambiental.

Para que este trabalho possa atingir o objetivo pretendido, apresenta-se no primeiro capítulo uma visão global do turismo, alguns de seus segmentos e as principais atividades a serem abordadas no contexto da pesquisa.

No segundo capítulo será abordado mais detalhadamente o Parque Estadual do Guartelá, objeto de estudo dos pesquisadores, os equipamentos necessários para a prática do ecoturismo e das atividades realizadas em Unidades de Conservação, inclusive a sinalização em trilhas.

1 O TURISMO - SEGMENTOS E EQUIPAMENTOS

O deslocamento de pessoas vem de longa data na história da humanidade. Existem relatos bastante antigos a respeito dessa movimentação por motivos de saúde, lazer e negócios, mas a atividade turística de maneira organizada foi surgir apenas no século XVII, com o aumento do número de visitantes aos grandes centros culturais da Europa, esse crescimento foi maior ainda na França, onde surgiu a expressão “*Le grand ET Le petit tour*”, para descrever essa movimentação.

No século XVIII já se utilizava na Inglaterra a frase de origem francesa “*Faire Le grand tour*”, referindo-se a viagem educacional na qual jovens aristocratas britânicos passeavam por diversas cidades da Europa, conhecendo importantes centros culturais, como Paris, Veneza, Roma, Florença, entre outras. Estes partiam em busca da ampliação de seus conhecimentos e experiências, para enfim voltar a sua origem e assumir poder na corte de modo que quando o fizessem, pudessem colocar em prática toda a carga de informações que obtiveram durante a jornada. Estes viajantes começaram a ser chamados de turistas, termo que depois passou a ser utilizado para se referir a pessoas que viajavam por diversos outros motivos. (Dias e Aguiar, 2002, p. 45)

A viagem educacional citada anteriormente ficou conhecida como *Grand Tour*. Ela teve seu ápice na metade do século XVIII, mas foi abruptamente interrompida devido a Revolução Francesa.

O turismo, e parte das atividades que o envolvem, ressurgiu com grande força após a segunda guerra mundial, mais precisamente em meados da década de 40. Após a guerra, algumas condições para as viagens foram melhorando, devido a diversos fatores que embora tenham sido elaborados como estratégias para a guerra acabaram servindo para certa melhoria na qualidade de vida da população, entre eles, os avanços nos meios de transporte e da malha viária.

Segundo Beni, o turismo pode ser dividido a partir de três concepções: Econômicas, técnicas e holísticas.

1. As econômicas apresentam apenas o lado empresarial do turismo, e relaciona a atividade com uma indústria que fornece transportes, hospedagem, alimentação e outros serviços para viajantes que

pretendem ir para dentro ou para fora de seu país, cidade ou região. Geralmente vista no campo científico como uma atividade social e econômica, geradora de produtos que são comercializados e consumidos no mercado.

2. Do ponto de vista técnico foi preciso primeiro diferenciar turista de excursionista, para enfim chegar a uma concepção mais lógica. Em 1963 foi realizada em Roma e patrocinada pelas Nações Unidas a Conferência sobre Viagens Internacionais e Turismo, que chegou a seguinte definição de turista:

visitantes temporários que permaneçam pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja finalidade de viagem pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer (recreação, férias, saúde, estudo, religião e esporte), negócios, família, missões e conferências (BENI, 2004, p. 35).

3. Enquanto que do ponto de vista holístico, Beni classifica o turismo como sendo o estudo do homem distante do seu local de residência, do seu trabalho, e dos impactos que ele e seu trabalho, geram sobre os ambientes, físico, econômico e sociocultural da área receptora. (2001, p.38)

Para a prática da atividade turística são necessários alguns equipamentos, que podem ser divididos entre bens materiais e imateriais, onde um é interdependente do outro. Os bens materiais são aqueles em que se é possível apresentar um valor monetário, e os bens imateriais ou subjetivos são aqueles em que o valor é inestimado, como a cultura, a fauna, flora, lugares de beleza cênica incomparáveis, entre outros, que apesar de não possuírem um valor para a venda, acabam gerando grandes divisas.

Devido ao turismo ser tão amplo e com tantas variedades foi necessário dividi-lo em diversas concepções, onde cada um focaliza o movimento de deslocamento de turistas por um ponto de vista que corresponde à motivação do viajante pela escolha de determinados destinos e atividades praticadas. Segundo Smith (1990) *apud* Fennell (2002, p. 17), “é mais realista aceitar a existência de muitas definições diferentes, cada uma destinada a servir diferentes propósitos”. Os segmentos são tantos que ainda não se obtém o número exato, somente em áreas

naturais tem-se diversos que acabam se mesclando em alguns pontos e diferenciando em outros, o que torna a separação por segmentos complexa.

Entre as atividades praticadas em meio natural tem-se o Agroturismo, que segundo Beni (2004, p. 428) é o “deslocamento de pessoas a espaços rurais (...) para fruição dos cenários, observação, vivência e participação nas atividades agropastoris”. O Turismo Rural é definido pelo mesmo autor como o “deslocamento de pessoas a espaços rurais (...) para fruição dos cenários e instalações rurícolas”. O Turismo de Aventura, com o deslocamento de pessoas para espaços naturais, com a ausência ou incipiência de equipamentos receptivos, motivadas pela atração exercida pelo desconhecido e desejo de enfrentar situações de desafio físico e emocional. Compreendendo múltiplas formas de treinamento de sobrevivência na selva e em outros locais inóspitos ou ainda não desbravados e contato com culturas primitivas (Beni, 2004, p.429).

E o Ecoturismo, definido como:

deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo Estado ou controlados por ONGs¹. Pressupõe sempre uma utilização controlada da área com planejamento de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudos de impacto ambiental, estimativas da capacidade de carga e suporte do local, monitoramento e avaliação constantes, com plano de manejo e sistema de gestão responsável (BENI, 2004, p. 427).

¹ ONGs: Organizações não governamentais.

Não se sabe exatamente quando surgiu o termo ecoturismo, mas Fennell (2002) mostra que desde 1953 o Museu Americano de História Natural promove excursões de história natural e que encontraram algumas evidências de ‘ecotours’ canadenses agindo em meados dos anos 70. Segundo ele, esses ‘ecotours’ concentravam-se ao redor da Rodovia Trans-Canadá e foram aos poucos se desenvolvendo em diferentes zonas ecológicas ao longo do trajeto da rodovia. (FENNELL, 2002, p. 42)

Fennell (1998) também sugere que o ecoturismo pode ter tido uma evolução, pois muitos lugares e pessoas responderam independentemente à necessidade da existência de maiores oportunidades de viagens à natureza e alinhadas com os esforços da sociedade de se tornar ecologicamente mais responsável. (apud FENNELL, 2002, p. 43)

O grande crescimento do ecoturismo nos últimos anos vem fazendo com que as Unidades de Conservação sejam de grande importância para a modalidade, trata-se de uma espécie de rede de áreas naturais protegidas, legalmente instituídas e distribuídas pelo país, acrescidas ainda das Unidades de Conservação estaduais e municipais, vêm tomando parte da história do ecoturismo na medida de sua utilização pelo *trade*² de todo o país como destinos ecoturísticos. (PIRES, 2002 p.180).

O interesse pela preservação ambiental surgiu antes mesmo da criação de um conceito sobre Unidades de Conservação. Nos Estados Unidos, no fim do século XIX, exploradores do rio *Yellowstone* tomaram a iniciativa de lutar pela preservação das belezas naturais daquela área, buscando transformá-la em uma área natural protegida, conseguindo em 1872, a criação do “*Yellowstone National Park*”, a primeira Unidade de Conservação do mundo.

A partir daí, vários países começaram a adotar a prática de criação de Unidades de Conservação para proteger suas áreas naturais, segundo Costa (2002, p. 16) os primeiros países foram:

- Austrália – Parque Nacional Royal (1879);
- Canadá – Parque Nacional Banff (1885);
- Nova Zelândia – Parque Nacional Egmont (1894);
- África do Sul – Parque Nacional Kruger (1898);
- Argentina – Parque Nacional Nahuel Huapi (1903);

² *Trade*: Refere-se ao conjunto de equipamentos da superestrutura constituinte do produto turístico.

- Chile – (1926);
- Equador – Parque Nacional Galápagos (1934).

No Brasil a história das Unidades de Conservação começou ainda durante o Império. Em 1876, o político e engenheiro André Rebouças se inspirou na criação do Parque Nacional de *Yellowstone* e fez a proposta de criar Parques Nacionais nas áreas de Sete Quedas (PR) e Ilha do Bananal (TO).

Mas a primeira Unidade de Conservação brasileira foi criada apenas em 1937, o Parque Nacional de Itatiaia (RJ), e logo em seguida, no ano de 1939, o Parque Nacional do Iguaçu (PR) e o Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ).

No país havia várias categorias de manejo, porém eram diferentes de um estado para outro, pois tinham variações adotadas em municípios e estados. Apenas em 2000 foi aprovado o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), a primeira normatização nacional das áreas naturais protegidas por lei.

Uma das principais finalidades do SNUC é impor os critérios que devem regular as categorias de manejo, deixando claros os objetivos e a denominação a ser utilizada.

Ele divide as Unidades de Conservação (UC) em dois grupos com diferentes características:

- Unidades de Conservação de Proteção Integral;
- Unidades de Conservação de Uso Sustentável.

O grupo de UC de Proteção Integral é composto por cinco categorias:

- Estação Ecológica (EE);
- Reserva Biológica (REBIO);
- Parque Nacional (PARNA);
- Monumento Natural;
- Refúgio da Vida Silvestre.

Constituem o grupo de UC de Uso Sustentável sete categorias:

- Área de Proteção Ambiental (APA);
- Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE);
- Floresta Nacional (FLONA);
- Reserva Extrativista (RESEX);
- Reserva de Fauna;
- Reserva de Desenvolvimento Sustentável;
- Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

O Parque Nacional é a principal categoria de Unidade de Conservação, pois foi a partir dele que surgiram outras categorias. É também a mais explorada turisticamente e é responsável pelo marketing do segmento do ecoturismo.

As unidades dessa categoria, quando criadas pelo estado ou município, são denominadas consecutivamente Parque Estadual ou Parque Municipal, tendo como objetivo básico:

(...) a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico (CÂNDIDO, 2003, p.109).

Criar essas unidades não é uma garantia de preservação. Para que seus objetivos sejam alcançados é necessário um plano de manejo adequado à suas possibilidades, ou seja, um plano com normas e restrições que façam com que o parque seja preservado da melhor maneira possível. Nesse plano de manejo será feito o zoneamento, que é de fundamental importância, pois irá traçar os pontos a serem visitados, quais as necessidades básicas do parque, categoria de manejo, como deve ser sua infra-estrutura e acessos aos atrativos.

Segundo Cândido (2003), qualquer que seja a categoria de Unidade de Conservação necessita de uma infra-estrutura básica, principalmente no caso dos parques nacionais, estaduais e municipais, pois são de grande atratividade turística. Os serviços básicos de um parque são:

- Estacionamento;
- Primeiros socorros;
- Informações documentadas;
- Guias ou condutores de visitantes;
- Mirantes e acessos;
- Água potável;
- Sanitários;
- Caminhos e trilhas de interpretação e
- Sinalização.

2 PARQUE ESTADUAL DO GUARTELÁ

2.1 HISTÓRICO E LOCALIZAÇÃO

Criado inicialmente através do Decreto Estadual nº 1.229 de 27 de março de 1992, com área de 4.389,886 hectares (ha) abrangendo toda a extensão do *canyon*³ do rio Iapó. Posteriormente, a área do Parque Estadual do Guartelá foi modificada para 798,974 ha, através do Decreto Estadual nº 2.329 de 24 de setembro de 1996, oficialmente implantada em 1997, privilegiando a proteção das áreas de maior interesse arqueológico, histórico-cultural, cênico e ecológico, constituída por parcelas territoriais desapropriadas e anteriormente pertencentes a Bento Aleixo e Urbano Pupo Martins. Também foi desapossada uma parcela das terras de Olímpio Mainardes, que atualmente continua em processo de desapropriação.

Segundo o Plano de Manejo, o Parque Estadual do Guartelá foi criado com o objetivo de:

- Assegurar a preservação dos ecossistemas típicos, local de excepcional beleza cênica como *canyons* e cachoeiras, além de significativo patrimônio espeleológico, arqueológico e pré-histórico, em especial pinturas rupestres;
- Manutenção de remanescentes de floresta de araucária;
- Preservação de fontes e nascentes;
- Preservação de espécies da fauna e flora nativas;
- Regulamentação do uso turístico nas áreas com potencial para visitação;
- Preservação de sítios arqueológicos.

O Parque tem este nome por situar-se no bairro Guartelá, no município de Tibagi. Existem diferentes versões sobre a origem do nome Guartelá. Na mais aceitável, conta-se que um morador da região de Tibagi, tendo conhecimento de um ataque de índios Kaingangues, mandou prevenir seu vizinho e compadre, dando pormenores sobre as manobras dos bugres e terminando com a

³ *Canyon*: Produto das manifestações geológicas do planeta. Um *canyon* se forma basicamente, porque a erosão vertical é superior à horizontal, formando uma espécie de vale profundo, escavado por rios e cercado por paredes abruptas. O termo *Canyon* foi emprestado do espanhol do México. No Brasil, usam-se também os termos canhão ou cânion.

advertência: “Guarda-te lá, que eu aqui bem fico”. A região, onde morava o vizinho e compadre, tomou o nome de Guartelá.

O Parque Estadual do Guartelá é uma Unidade de Conservação classificada na categoria de manejo de Proteção Integral, segundo o SNUC, que tem como objetivo básico preservar a natureza, sendo admitido o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos na lei.

O Parque está localizado no município de Tibagi, situado na região dos Campos Gerais na porção centro-leste do Estado do Paraná e têm como centro as coordenadas geográficas 24° 34' Sul do Equador e 50°14' Oeste de Greenwich, na margem esquerda do *canyon* do rio Iapó, Como limites do Parque, estão ao norte e leste o Rio Iapó, noroeste propriedades particulares, e sudoeste Arroio Pedregulho. Seu bioma é dos Campos Gerais, e sua vegetação enquadra no âmbito da Floresta Ombrófila Mista Montana e Aluvial⁴. O Parque fica localizado nas imediações da BR-340, no trecho que liga as Cidades de Castro e Tibagi, como indicado na figura abaixo:

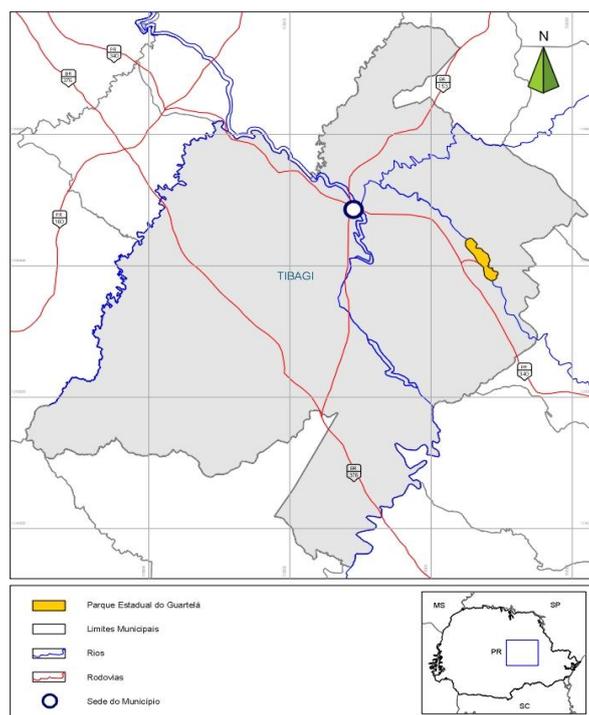


Figura 1: Mapa Geomorfológico do município de Tibagi.

Fonte: Plano de Manejo, 2002.

⁴ Floresta Ombrófila Mista Montana e Aluvial: Típica floresta de Araucária, com chuva durante todo o ano e estações relativamente bem definidas. Em região montanhosa e com vários cursos d'água.

2.2 ATRATIVOS NATURAIS E POTENCIAL PARA VISITAÇÃO

O Parque Estadual do Guartelá compreende uma área com grande quantidade de belezas naturais, atraindo visitantes desde tempos remotos. Nos limites desta área está um dos maiores *canyons* do mundo, o *canyon* do rio Iapó, que configura uma admirável paisagem, sendo por isso o principal responsável pelo grande número de visitas no local.



Figura 2: Vista Parcial do *Canyon* do Parque Estadual do Guartelá.
Fonte: Plano de Manejo, 2002.

As formações rochosas areníticas presentes no Parque também são importantes atrativos. Devido à ação da água e do vento ao longo de milhares de anos, formaram-se lapas, fendas, grotas e formas ruiformes⁵.

⁵ Ruiformes: Forma de ruínas.

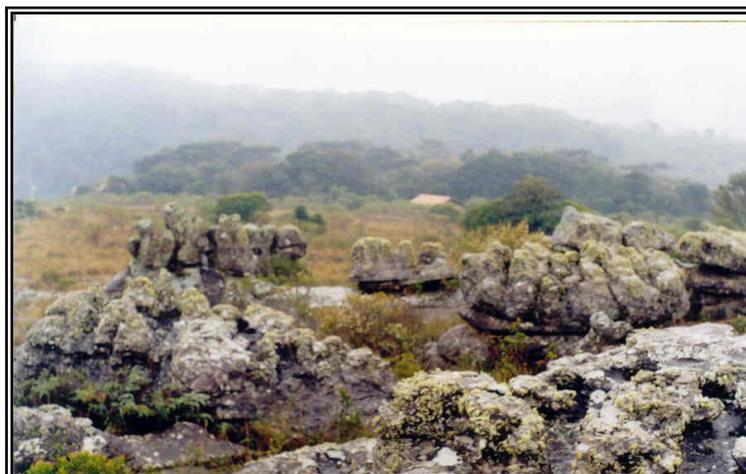


Figura 3: Rochas com feições ruiformes.
Fonte: Plano de Manejo, 2002.

Dentre estas curiosas formações rochosas está a Cachoeira da Ponte de Pedra, uma bela cachoeira com uma ponte natural escavada pela corrente de água, atualmente considerada cartão postal do local. Outros exemplos são corredeiras com “painéis de sumidouros” (banheiras naturais ou popularmente chamados de panelões), Gruta das Andorinhas, Gruta da Pedra Ume, e uma enorme fenda entre paredões rochosos. Existem ainda rochas que abrigam pinturas rupestres, registros deixados em lapas pelos primeiros habitantes indígenas.

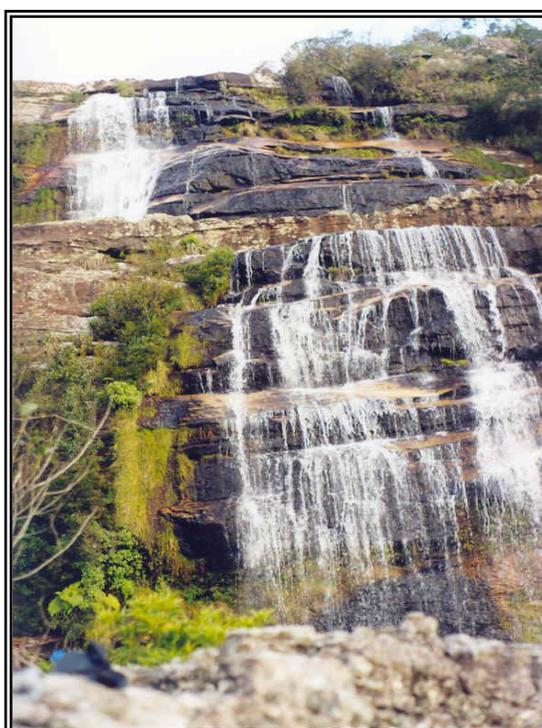


Figura 4: Vista Parcial da cachoeira Ponte de Pedra.
Fonte: Plano de Manejo, 2002.

O cenário, os atrativos naturais e a infra-estrutura existente permitem quatro modalidades de visitação que poderiam ser desenvolvidas no Parque Estadual do Guartelá:

1. Caminhadas em trilhas: onde a observação geral da fauna e flora permite a interação mais efetiva entre os elementos do ambiente e o visitante. É uma modalidade já desenvolvida no Parque.
2. Observação de aves (ou “*birdwatching*”): geralmente praticado por grupos de todas as idades que aperfeiçoam suas habilidades em localizar e identificar as diferentes espécies de animais nos respectivos *habitats*, observando seus comportamentos. Pode ser realizada ao longo das duas trilhas existentes no Parque, no entanto, a trilha que leva à Gruta da Pedra Ume apresenta uma maior variedade de ambientes, podendo-se observar uma maior diversidade de aves (neste caso, devem ser organizadas poucas visitas ao dia e com grupos pequenos previamente agendados).
3. Fotografia da Natureza: que tem como objetivo, fotografar o ambiente natural, podendo ser feito em grupos de fotógrafos amadores ou profissionais. Apesar de ser pouco praticada pelos visitantes do Parque, a região tem um potencial imenso para atividades fotográficas. Esta modalidade poderia ser melhor divulgada.
4. Turismo de Bem-Estar: É também uma modalidade de recreação recente dentro de Unidades de Conservação. Utilizado por *spas*⁶ e clínicas de recuperação para dependentes químicos, para que seus clientes possam praticar uma atividade física ao ar livre em ambientes calmos com grande beleza cênica.

⁶ Spa: Clínicas/hotéis para relaxamento, reeducação alimentar, emagrecimento, desintoxicação, etc.

3 TRILHAS

Trilhas são um tradicional meio de deslocamento que podem ser definido como um caminho no meio natural que promove o deslocamento entre alguns pontos. Para Guillaumon (1977) *apud* Andretta (2006) as trilhas são percursos em um sitio natural, que propiciam explicações sobre o meio ambiente flora, fauna, fenômenos naturais, usos e hábitos do local.

Já Salvati (2006) afirma que:

trilhas são caminhos existentes ou estabelecidos, com diferentes formas, comprimentos e larguras, que possuam o objetivo de aproximar o visitante ao ambiente natural, ou conduzi-lo a um atrativo específico, possibilitando seu entretenimento ou educação através de sinalizações ou de recursos interpretativos (*apud* ANDRETTA, 2006).

Podem ser classificadas quanto à sua forma, sendo circular, oito, linear e atalho, e também quanto ao grau de dificuldade sendo de caminhada leve, semi-pesada e pesada.

Tem como um dos objetivos aproximar o homem da natureza, e causar uma interação entre eles, porém as trilhas proporcionam efeitos adversos, como por exemplo, o pisoteio do solo, eliminação de plantas e também a introdução de plantas de espécies exóticas.

Para desenvolvê-la, existem dois métodos: as trilhas guiadas e as trilhas auto-guiadas, descritas por Salvati (2006) como:

Trilhas guiadas são aquelas acompanhadas por guias ou condutores. Sua principal característica é o estabelecimento de um canal de comunicação e uma relação afetiva entre o intérprete e os visitantes. A preparação física e técnica, e os conhecimentos ecológicos do guia/ condutor de ecoturismo são os principais instrumentos de investigação e interpretação da região a ser conhecida. Além disso, a vocação natural e a experiência do guia/ condutor de ecoturismo também são fundamentais para o sucesso da trilha. A preparação, o conhecimento e a experiência para a interpretação de trilhas são adquiridas em cursos especializados, em livros, praticando caminhadas e acompanhando o trabalho de guias/ condutores de ecoturismo mais experientes ou de mateiros (*apud* ANDRETTA, 2006)

As trilhas guiadas são uma boa forma de garantir um contato

positivo entre visitante e a comunidade local, além de oferecer oportunidades de renda à comunidade receptora. O guia interpretará verbalmente os aspectos mais importantes da trilha, ao mesmo tempo em que estimula a participação do grupo. Esse tipo de trilha possui algumas vantagens:

- Se bem executado pode ser economicamente viável;
- O visitante pode obter respostas as suas dúvidas;
- O nível de interpretação é adaptável ao usuário.

Porém, pode-se encontrar algumas desvantagens, como por exemplo:

- A qualidade da mensagem depende da habilidade e conhecimento do guia;
- Pode ser um meio caro no caso de um mau planejamento do uso do pessoal;
- Os passeios guiados têm de ser feitos com reduzido número de pessoas.

Ainda segundo Salvati (2006):

(...) as trilhas auto-guiadas tem como principal função facilitar a caminhada e permitir o contato dos visitantes com o meio ambiente sem a presença do guia. Assim, recursos visuais e gráficos indicam a direção a seguir, os elementos a serem destacados (árvores nativas, plantas medicinais, ninhos de pássaros etc.) e os temas desenvolvidos (mata ciliar, recursos hídricos, etc.). (apud ANDRETTA, 2006)

As trilhas auto-guiadas oferecem mais liberdade aos visitantes, porém, podem ser um risco tanto ao visitante, como ao ambiente, caso o mesmo não julgue necessário atentar-se as comunicações visuais. Esse tipo de trilha apresenta algumas vantagens, tanto para o manejo do parque, como para a interpretação do visitante:

- Permite o acesso em qualquer época, portanto podem captar maior número de usuários;
- Serve de orientação para pessoas que estão perdidas;
- Dão segurança e evitam acidentes que poderiam ocorrer em

terrenos selvagens;

- São implantados com um custo relativamente baixo;
- Não requer a presença permanente de pessoal;
- Permite ao visitante a contemplação das características de um lugar natural, com o qual se proporciona uma experiência mais realista do que através de outros meios;
- Permite que o visitante percorra a trilha no seu próprio ritmo;
- Estimula as pessoas a conhecerem determinada área do local;
- Pode ser uma atividade alternativa para as pessoas que não gostam de participar de grupos organizados;
- Ideal para famílias, permitindo aos pais explicar aos filhos aspectos de seu interesse e em seu nível de compreensão.

Porém, assim como a trilha guiada, as trilhas auto-guiadas apresentam desvantagens:

- Podem causar algum grau de erosão em seu trajeto;
- O custo de manutenção pode ser mais alto do que o esperado;
- Sempre estará exposto ao vandalismo;
- É difícil incorporar técnicas de comunicação atrativas;
- Deve ser dirigido a um visitante médio, já que não pode satisfazer as demandas de grupos especiais;
- Não responde as dúvidas do visitante.

Como as trilhas auto-guiadas não contam com o acompanhamento de guia, o visitante precisa de sinalização para que possa realizar o passeio, podendo ser através de folhetos, ou através de painéis, que é o método mais utilizado.

4 A SINALIZAÇÃO TURÍSTICA

De acordo com o Guia Brasileiro de Sinalização Turística:

“uma sinalização de orientação turística é a comunicação efetuada por meio de um conjunto de placas de sinalização, implantadas uma após a outra ao longo de um trajeto estabelecido, com mensagens escritas ordenadas, pictogramas e setas direcionadas. Esse conjunto é utilizado para informar seus usuários sobre a existência de atrativos turísticos, sobre os melhores percursos a se fazer, à distância a ser percorrida para se chegar ao local pretendido e aos equipamentos de apoio pertencentes ao longo do percurso.”

Segundo Willians Rubéns de Mendonça (2008), responsável pela sinalização das Unidades de Conservação mantidas pelo Estado do Paraná, quando o indivíduo se relaciona com um ambiente novo, seu comportamento em vista ao meio natural, em que pede informações oriundas do plano de manejo, muitas vezes não se compatibiliza com o pré estabelecido. Situações diversas se apresentam também relativamente aos aspectos físicos da Unidade de Conservação, como lugares perigosos, áreas restritas para preservação, áreas exclusivas para serviços e pesquisas, grande número de trilhas que ocasionalmente confundem os usuários. Isso tudo somado, resulta na necessidade da sinalização nos Parques, visando os dois objetivos básicos: Dar retorno às expectativas do público visitante, procurando atendê-lo da melhor maneira possível e preservando o meio ambiente.

Willians ainda afirma que as placas de sinalização não devem ter mensagens proibitivas, pois a sinalização deve integrar o usuário ao meio ambiente de forma agradável. Muitos turistas, principalmente aqueles de fim de semana saem em busca dessa atividade por falta de opção, e quando se depara com tantas restrições pelo caminho, reage de forma negativa, contrariando suas expectativas de reflexão, relaxamento e lazer.

Como citado anteriormente, a sinalização se destina basicamente a atender o usuário e proteger o patrimônio natural. Deve-se então, a partir desses objetivos, estabelecer o que vai ser sinalizado na Unidade de Conservação. Para isso, o gerente deve ter o domínio e conhecimento de sua Unidade, como tamanho do Parque, bioma que predomina na área, distâncias, divisas, aspectos históricos e culturais, atrativos, áreas de uso intensivo, entre outras. Como se vê, a quantidade de dados que pode se disponibilizar é bastante diversa, acarretando um volume de

informações também muito variado em modalidades indicativa, explicativa, proibitiva e reflexiva.

Após a análise dos dados é necessário que se faça um equacionamento ou dimensionamento da carga de informações, ou seja, priorizar as informações que são realmente imprescindíveis para não sobrecarregar a trilha com excesso de placas e com isso descaracterizar o ambiente natural. Willians cita: “É bom lembrar que o visitante está fugindo do seu habitat social, do estresse, poluição, barulho, para encontrar um ambiente mais natural possível”.

De acordo com Willians, existem cuidados necessários para a implantação das placas, como por exemplo:

- **Evitar linguagem técnica:** Para muitos visitantes uma informação com linguagem técnica acaba confundindo e o desestimula a leitura das demais placas.
- **Evitar textos grandes:** Da mesma maneira que o item anterior, o excesso de informação desestimula a leitura.
- **Evitar textos muito curtos e sem fluidez:** Este cuidado é o inverso do tema anterior. Uma informação muito resumida pode não deixá-la clara, o que se tornará uma leitura desnecessária ao visitante menos consciente.
- **Tamanho das placas:** A placa não deve se sobressair sobre a paisagem, mas precisa ser notada. Portanto deve ser de tamanho pequeno, apenas o suficiente para que o visitante possa observar.
- **Sinalização composta:** As placas devem ser compostas por dois elementos: Pictograma⁷ e escrita. Esses devem ter conexão e sentido, um complementar o outro.
- **Material empregado:** É aconselhável que o material seja de origem natural, como por exemplo, a madeira, ou algum outro que não cause um impacto negativo, para dar ainda mais naturalidade ao ambiente. Deve-se ser usado apenas um tipo de material em todas as placas para dar uniformidade e padronização às mesmas.

⁷ Pictograma: desenho figurativo estilizado que funciona como um signo de uma língua escrita.

4.1 SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DO PARQUE ESTADUAL DO GUARTELÁ

Conforme visto anteriormente a sinalização turística em trilhas de Unidades de Conservação é de grande importância para que o ecoturismo se mantenha equilibrado, colaborando com a educação ambiental, gerando a sensibilização dos visitantes e os alertando a respeito dos cuidados necessários ao visitar uma área natural protegida.

As atuais placas de sinalização do Parque Estadual do Guartelá são confeccionadas de pequenas placas de metal, fixadas em tábuas de madeira, onde são colados adesivos com os pictogramas. Algumas placas de metal acabaram caindo, outras estão com os pictogramas totalmente danificados, como podemos observar nas figuras abaixo:



Figura 5: Placa de sinalização totalmente deteriorada.
Fonte: Autores.



Figura 6: Placa de sinalização incompleta.
Fonte: Autores.



Figura 7: Placa de sinalização alertando sobre área de recuperação.
Fonte: Autores.

Anteriormente uma placa que foi instalada com o objetivo de avisar sobre área em recuperação, onde por tanto os visitantes estariam privados de passear. No entanto a situação da mesma não transmite a mensagem desejada. Em outras placas os adesivos com os pictogramas estão se soltando ou já se desprenderam.



Figura 8: Placa praticamente sem pictograma.
Fonte: Autores.



Figura 9: Placa com pictograma danificado.
Fonte: Autores.



Figura 10: Placa degradada.
Fonte: Autores.



Figura 11: Placa com pictograma confuso.
Fonte: Autores.

Além das placas existentes no Parque Estadual do Guartelá encontrarem-se bastante avariadas, ainda existe a falta de sinalização em alguns pontos importantes das trilhas, o que será abordado adiante.

Durante a pesquisa de campo foram aplicados formulários a alguns visitantes do Parque, onde treze visitantes eram de Curitiba, três de Ponta Grossa, quatro de Maringá, seis de Londrina e quatro de Telêmaco Borba, somando um total de trinta formulários.

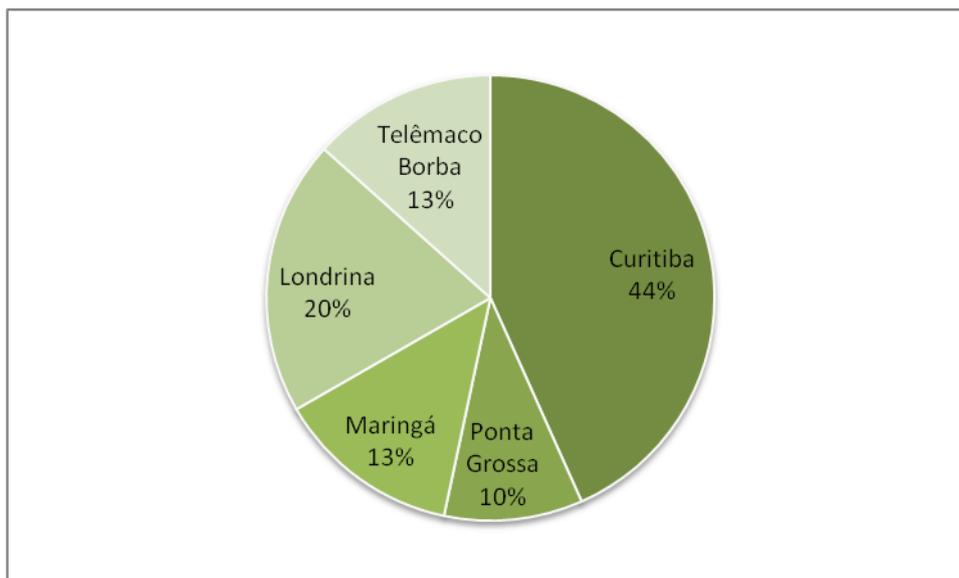


Gráfico 1: Cidade de Origem dos visitantes entrevistados.
Fonte: Autores.

Entre os trinta entrevistados a idade variou um pouco, porém se concentrou mais na faixa etária que vai de 21 a 30 anos, que faz jus com o que alguns estudiosos afirmam ser o maior público de áreas naturais. Em seguida a faixa etária de 31 a 40 anos, até 20 anos foram 13% dos visitantes, de 41 a 50 foram 7% dos visitantes e não houve nenhum entrevistado com mais de 50 anos.

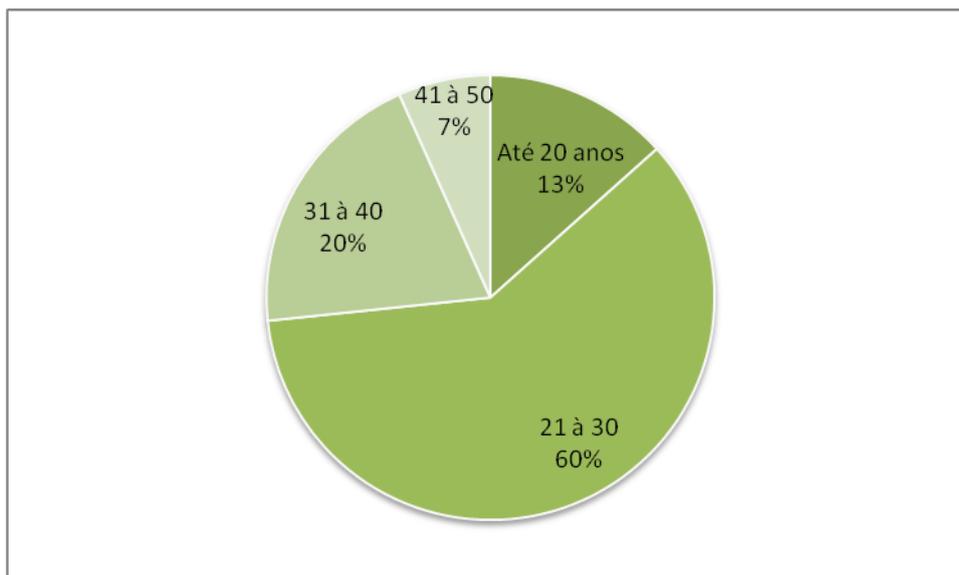


Gráfico 2: Faixa Etária dos visitantes entrevistados.
Fonte: Autores.

Quanto ao grau de escolaridade, a maioria é de estudantes universitários com 63% dos entrevistados, sendo que boa parte estava fazendo visita técnica com seus respectivos cursos da faculdade, seguido de 17 % dos entrevistados com o Ensino Médio completo, 10% com Ensino Superior completo e 3% cursando o Ensino Fundamental II.

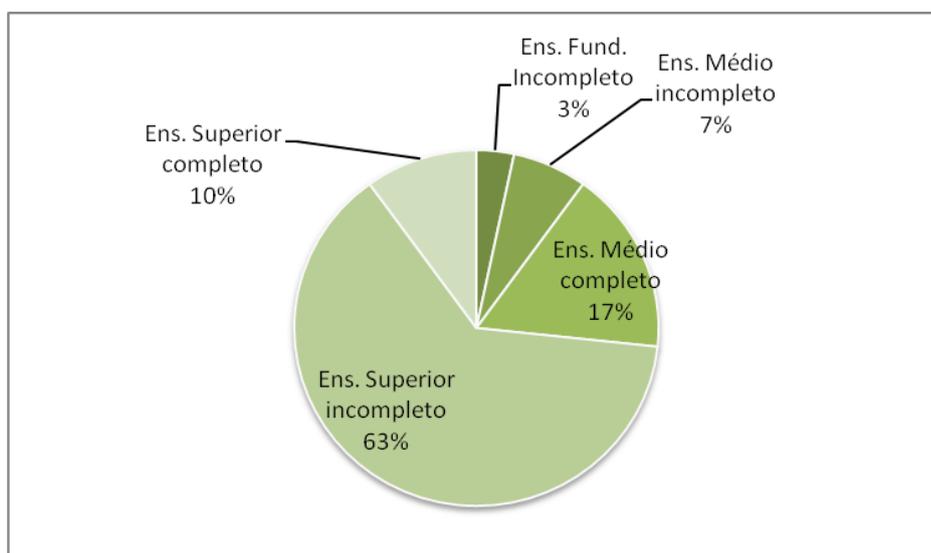


Gráfico 3: Grau de Escolaridade dos Entrevistados.
Fonte: Autores.

Boa parte dos entrevistados estava indo pela primeira vez a esta Unidade de Conservação, chegando ao número de 70% dos visitantes, 23% pela segunda ou terceira vez e apenas 7% mais de três vezes.

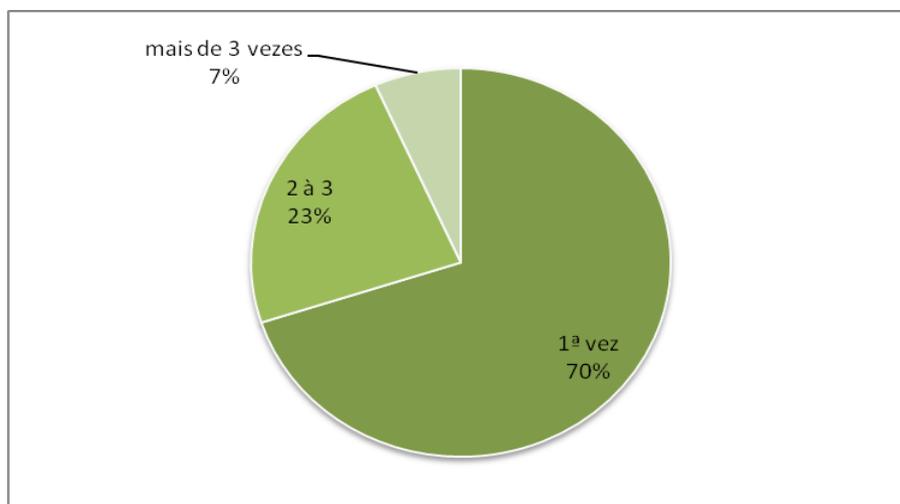


Gráfico 4: Quantas vezes o entrevistado já visitou o parque.
Fonte: Autores.

Quanto ao estado de conservação das placas presentes nas trilhas do Parque Estadual do Guartelá, os entrevistados afirmaram estar muito insatisfeitos com as informações que lhes é passada. Assim se reflete o resultado dessa questão, onde nenhum entrevistado respondeu que as placas estão em ótimo estado, 57% disse que estão regular, 36% disse que estão ruim e 7% em bom estado de conservação.

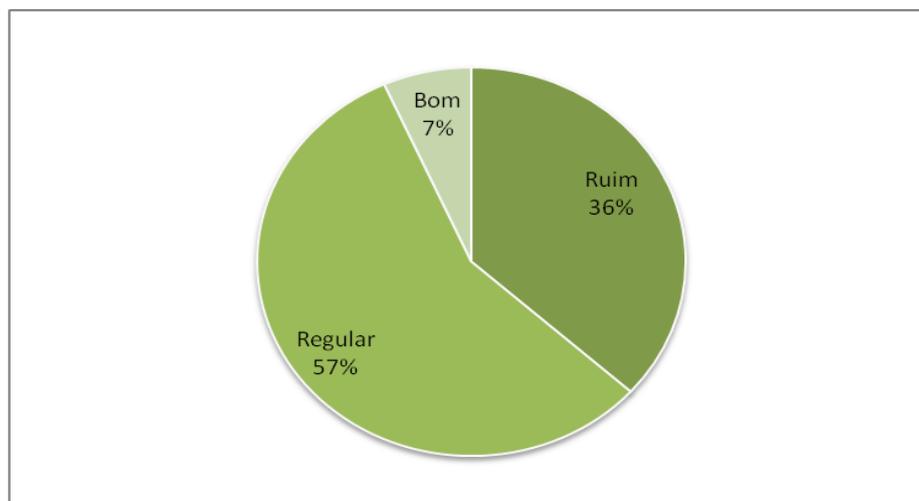


Gráfico 5: Opinião dos entrevistados em relação ao estado de conservação das placas de sinalização do parque.
Fonte: Autores.

Assim como foi com a questão em relação ao estado de conservação das placas, o desempenho da pesquisa em relação à transmissão das informações contidas nas mesmas apontou que nenhum visitante considera de ótimo nível, 47% consideram regular, 36% considera ruim e 17% bom.

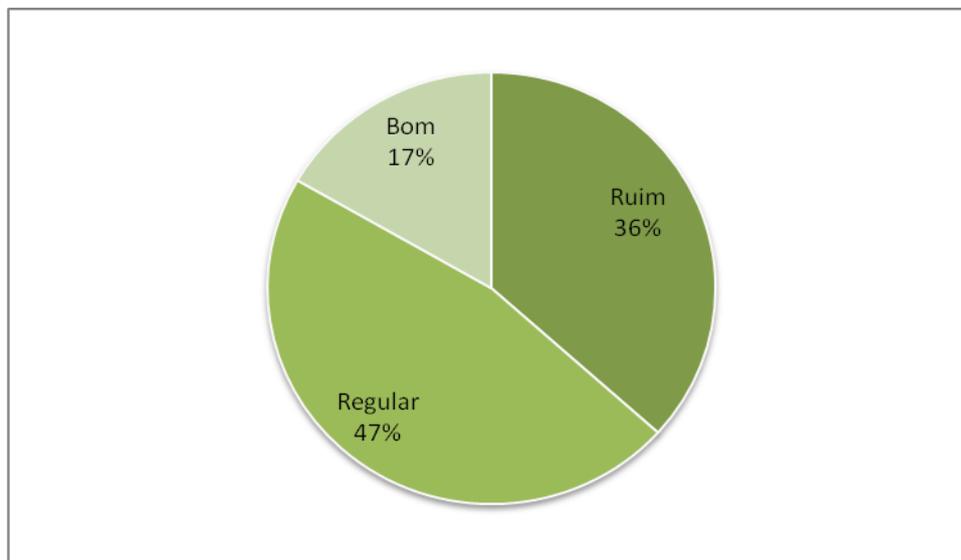


Gráfico 6: Opinião dos Visitantes em relação às informações contidas nas placas de sinalização do parque.

Fonte: Autores.

E por fim o formulário questionava se os visitantes consideravam o número de placas presentes nas trilhas do Parque suficientes. Esta questão ficou mais equilibrada, sendo que 30% consideram regular, 27% consideram bom, 23% consideram ótimo e 20% consideram ruim.

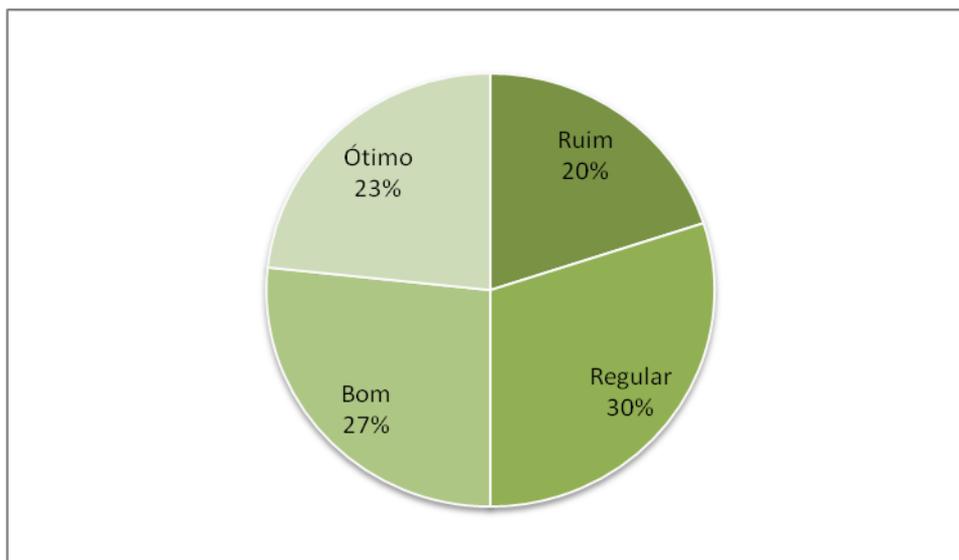


Gráfico 7: Opinião dos Visitantes em relação ao número de placas.
Fonte: Autores.

Com os resultados adquiridos, pode-se entender que a sinalização do Parque realmente necessita de reformulação. Como citado acima, apenas 7% dos entrevistados afirmam que as placas encontram-se em bom estado de conservação, os demais as consideram regulares ou ruins. A respeito da informação transmitida, 17% consideram que está boa, os demais consideram insuficiente, afirmam que as informações são confusas e devem ser melhoradas. Em relação ao número de placas na trilha pode-se dizer que 50% consideram suficientes e 50% consideram insuficientes. Todos esses resultados confirmam a problemática do trabalho.

4.2 ENTREVISTA COM WILLIANS RUBÉNS DE MENDONÇA

Em entrevista com Willians Rubéns de Mendonça, Engenheiro Florestal, especialista em Conservação da Biodiversidade e responsável pela sinalização das Unidades de Conservação mantidas pelo IAP (Instituto Ambiental do Paraná), foi possível observar que o IAP concorda que a sinalização turística do Parque Estadual do Guartelá necessita de melhorias.

Segundo Willians, as placas de sinalização estão em um estado deplorável, necessitando urgente de uma reformulação, tornando as informações contidas nas mesmas mais acessíveis e de fácil compreensão para os visitantes. A sinalização atual não consegue transmitir a mensagem de forma clara e objetiva, os pictogramas são um pouco futuristas e acabam se tornando confusos, devido ao fato de desfrutarem de caráter interpretativo, onde cada visitante pode entendê-lo de uma maneira.

Com relação a um modelo de placas para a sinalização, Willians acredita que não exista um molde, porém o mais ideal seria a junção de pictogramas e pequenas frases, onde um complementaria o outro, de modo que mesmo as placas tendo um caráter interpretativo, a linha de raciocínio continue a mesma devido às informações transmitidas nas pequenas frases. Outro ponto importante seria a participação dos guias em trilhas auto-guiadas, o que completaria as informações.

Os Parques que foram criados mais recentemente estão com a sinalização recém instalada e por isso podem ser considerados modelo.

Os estudos em relação ao tipo de material ideal para a confecção das placas de sinalização são constantes, já foi sugerido o uso até mesmo de porcelana, porém ele acredita que o mais viável seja o uso de chapas de alumínio parafusadas em um totem⁸ de madeira de eucalipto tratado, devido ao baixo custo inicial e de manutenção.

Sobre a quantidade de placas, Willians disse não existir um número ideal, isso vai variar conforme o tamanho da UC e principalmente com a necessidade de cada uma, o único critério a ser seguido é que deve ser instalado o mínimo de placas possíveis e elas devem sempre estar inseridas em locais onde é de fundamental importância sua presença.

⁸ Totem: espécie de toco de madeira fixado ao chão.

Ao ser questionado sobre a sinalização do PEG, disse já ter elaborado dois novos projetos para a implantação de novas placas, o último realizado no ano de 2004 está arquivado por falta de verba para a confecção e instalação. Não podendo ser estipulado uma data para sua implementação.

Willians disse ainda que, para a implantação de novos projetos em UC's, é preciso primeiramente o interesse do órgão gestor e verba suficiente. No caso do Quartelá, o interesse existe, embora o projeto tenha sido elaborado há quatro anos, mas está arquivado devido à falta de verba.

5 PROPOSTA DE SINALIZAÇÃO

A proposta desta pesquisa procura sugerir um novo modelo para a padronização da sinalização turística das trilhas do Parque Estadual do Guartelá. Efetuando melhorias no modelo já existente, utilizando da junção entre pictogramas e frases (sinalização composta).

Conforme Willians expôs durante a entrevista, a sinalização deve ser feita de modo que cause um impacto positivo sobre o visitante, com uma visibilidade que lhe chame atenção, mas que não se sobressaia ao ambiente.

Existem relatos de diversas ocorrências em que os turistas ao se depararem com a sinalização em madeira talhada ou pintada, agradaram-se de tal forma que acabaram levando diversas placas da trilha consigo, como espécies de *souvenires*⁹, porém sem que estas estivessem a venda ou sendo oferecidas aos turistas. Deixando a sinalização incompleta e trazendo certo prejuízo às Unidades de Conservação.

Atualmente o Estado do Paraná possui cerca de 60 áreas protegidas por lei, sabendo-se que os recursos disponíveis são limitados devido ao grande número de Unidades a serem mantidas, é necessário que toda a estrutura tenha um custo acessível e durabilidade.

Tendo ciência dessas características, os autores sugerem a utilização de placas com dimensões de 25cm de largura por 30cm de altura, construídas em chapas de alumínio, com aplicação de fundo *Primer*¹⁰, e em seguida tinta da cor branca, acabamento com pintura dos pictogramas nas cores vermelha (se a informação for de caráter restritiva) ou azul (se for de caráter indicativo). Essas placas de alumínio devem ser fixadas em tábuas de madeira de eucalipto, que serão tratadas para que aumente sua resistência.

Visando a educação e proteção ambiental, serão implantadas apenas placas indicativas e restritivas. Com exceção de uma maior de 2 metros de largura por 1 metro de altura, que está fixada no início da trilha e deverá ser revisada, nela estarão contidas informações sobre relevo, vegetação, mapa e extensão da trilha, tempo gasto para percorrê-la, grau de dificuldade e dados dos

⁹ *Souvenires*: objeto característico de um lugar e que se vende como lembrança.

¹⁰ *Primer*: Tinta de fundo anticorrosiva à base de resina, produto de alta penetração e aderência em substratos ferrosos. Fácil aplicação em serviços de manutenção preventiva em ambientes rurais.

atrativos.

Segue alguns exemplares que servirão como modelo para a nova sinalização sugerida pelos pesquisadores:

1. Exemplo de totem para sinalização. Nesse caso estão fixadas apenas duas placas devido à necessidade do local onde se sugere que seja implantado, mas acredita-se que podem ser fixadas até três placas por totem para não causar certa poluição visual e transmitir a mensagem corretamente:



Figura 12: Totem de madeira.
Fonte: Autores.

5.1 PLACAS DE CARÁTER INDICATIVO:

1. Placa para ser fixada na entrada da trilha que conduz o visitante aos Panelões, indicando o atrativo onde é permitido banho:



Figura 13: Placa para área de banho.
Fonte: Autores.

2. Placas para serem fixadas na ramificação da trilha entre mirante e cachoeira da Ponte de Pedra, indicando ao visitante a direção que o mesmo deve seguir para chegar ao atrativo desejado:



Figura 14: Indicação para cachoeira.
Fonte: Autores.



Figura 15: Sentido da trilha para mirante.
Fonte: Autores.

3. Placa orientando ao visitante sobre local onde ele pode consumir água potável:



Figura 16: Placa indicando água potável.
Fonte: Autores.

5.2 PLACAS DE CARÁTER RESTRITIVO:

1. Placa indicando aos visitantes que não é permitido subir nos arenitos:



Figura 17: Indicação para os visitantes não subirem nos arenitos.
Fonte: Autores.

2. Indicação aos visitantes de área em que não é permitido se banhar:



Figura 18: indicação de área restrita para banho.
Fonte: Autores.

3. Sinalização da trilha que segue para sítio arqueológico com pinturas rupestres, informando que o acesso só é permitido com a presença de guias condutores:



Figura 19: Acesso apenas com guia.
Fonte: Autores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o visitante possa usufruir os atrativos que o Parque Estadual do Guartelá oferece é de fundamental importância que a infra-estrutura lhe de o apoio necessário. Como as trilhas desta Unidade de Conservação são na maioria das vezes auto-guiadas, com exceção da trilha que leva as pinturas rupestres, o turista necessita se basear nas placas de sinalização para se localizar e até mesmo compreender qual deve ser sua conduta dentro do parque.

Assim os pesquisadores buscaram averiguar através de pesquisa de campo realizada utilizando formulários aplicados a uma parcela dos visitantes, e entrevista realizada com Willians Rubéns de Mendonça, responsável pela sinalização turística das Unidades de Conservação geridas pelo IAP. A pesquisa apontou que o Parque Estadual do Guartelá possui grande carência no campo de sinalização, e que os turistas sentem-se insatisfeitos, pois a maioria relatou não compreender os pictogramas e acreditam que as placas não estão em bom estado de conservação.

Os pesquisadores acreditam que a problemática foi respondida e os objetivos alcançados, por meio de uma nova proposta de sinalização turística sugerida para as trilhas do Parque Estadual do Guartelá, confirmada a necessidade de tal, através dos estudos citados anteriormente e a base teórica alcançada com leitura de material bibliográfico.

Com essa pesquisa pode-se observar a importância e os benefícios que a sinalização pode trazer para uma Unidade de Conservação, pois quando ela se encontra coerente, facilita e torna mais agradável o passeio do visitante, valorizando os atrativos turísticos existentes e promovendo a educação ambiental.

Durante os estudos realizados, foi possível constatar que seria de grande importância firmar uma padronização quanto ao modelo de sinalização utilizado pelas diversas Unidades de Conservação do estado do Paraná, sendo elas administradas pelo IAP ou não, para que quando um visitante que já conhece algum parque for visitar outra unidade diferente, ele se recorde da sinalização, por ter basicamente o mesmo modelo e compreenda melhor a mensagem que lhe está sendo passada.

Esse trabalho de conclusão de curso buscou através de diversas definições, normas e pesquisas, sugerir uma proposta de sinalização turística mais

adequada para o Parque Estadual do Guartelá. Que poderá vir a contribuir posteriormente para demais projetos turísticos voltados à área de sinalização turística em Unidades de Conservação.

REFERÊNCIAS

- Andretta, Vanessa. **Sinalização de trilhas**: importância e eficiência. [S.l.:s.n.], 2006.
- BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 10° ed. São Paulo: Senac, 2004.
- CÂNDIDO, Luciane Aparecida. **Turismo em áreas naturais protegidas**. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- COSTA, Patrícia Côrtes. **Unidades de conservação**: Matéria-prima do Ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002.
- DIAS, Reinaldo e AGUIAR, Marina R. de. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas: Alínea, 2002.
- EMBRATUR. Ministério do Turismo. **Guia Brasileiro de Sinalização Turística**. São Paulo, 2001.
- FENNELL, David A. **Ecoturismo**. São Paulo: Contexto, 2002.
- IAP, Instituto Ambiental do Paraná. **Plano de manejo**, 2002.
- KINKER, Sônia. **Ecoturismo**: E conservação da Natureza em Parques Nacionais. 2ed. Campinas, SP: Papirus, 2002
- MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.
- PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.
- YÁZIGI, Eduardo. **Turismo**: uma esperança incondicional. 2° ed. São Paulo: Global, 1999.
- GUIA BRASILEIRO DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA. Disponível em:
<http://institucional.turismo.gov.br/sinalizacao/conteudo/principal.html>, acesso em 01 de Agosto de 2008, às 23h46min.
- PICTOGRAMAS. Disponível em:
<http://www.uc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=66>, acesso em 26 de Outubro de 2008, às 16h42min.

8 APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário avaliativo aplicado aos visitantes do Parque Estadual do Guartelá

Cidade: _____

Idade: () Até 20 anos; () 21 a 30; () 31 a 40; () 41 a 50; () mais de 51.

Sexo: () Masculino () Feminino

Grau de Escolaridade:

- () Ens. Fund. Incompleto () Ens. Fund. Completo
() Ens. Médio Incompleto () Ens. Médio Completo
() Ens. Superior Incompleto () Ens. Superior Completo

É a primeira vez que visita o Parque?

() Sim () Não Quantas vezes já esteve aqui? _____

O que você acha do estado de conservação das placas?

() Ruim () Regular () Bom () Ótimo

As placas conseguem transmitir as informações adequadamente?

() Ruim () Regular () Bom () Ótimo

Existe número de placas de sinalização suficiente no parque?

() Ruim () Regular () Bom () Ótimo

APÊNDICE B – Questões aplicadas a Willians Rubéns de Mendonça durante entrevista:

1 – A sinalização nas trilhas do Parque Estadual do Guartelá é considerada adequada? Ela transmite a informação de maneira correta?

2 – Como seria o modelo ideal de sinalização em trilhas para o parque?

3 – Quais parâmetros são utilizados para a localização e transmissão das informações contidas nas placas?

4 – Qual seria o material ideal para a confecção das placas?

5 – Você considera mais eficiente o serviço de um guia ou as informações transmitidas pelas placas?

6 – Existe a intenção de substituir ou reformar as placas existentes? Se sim, existe uma previsão de implantação?

7 – Quais são as principais dificuldades encontradas na sinalização dos parques?

8 – A simbologia utilizada nas placas é de fácil entendimento pelo público?

9 – Qual é o padrão utilizado na confecção das placas?

9 ANEXOS**ANEXO A – Autorização de Pesquisa do Instituto Ambiental do Paraná****AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA N° 93/08**

Autorizamos o pesquisador **Alan Henrique Rocha Pietrochinski** portador do RG: 8811068-4, responsável técnico pelo projeto **“Sinalização Turística no Parque Estadual do Guartelá.”**, a realizar **seus estudos no Parque Estadual do Guartelá.**

Participará do projeto a seguinte pesquisadora:

Vivian Fortes da Silva.....RG: 8.698.959-0

É de responsabilidade do pesquisador a obtenção da permissão do proprietário das propriedades particulares para a realização da pesquisa.

A gerência das UCs devem ser **comunicadas com antecedência** sobre os trabalhos em campo e se haverá contato com os moradores do entorno.

O pesquisador compromete-se a enviar-nos um relatório final do trabalho, bem como cópias de publicações resultantes deste estudo, citando esta autorização nas mesmas.

Esta autorização tem validade até **11 de agosto de 2009**, podendo ser renovada no final do período após apresentação de relatório, caso haja interesse das partes envolvidas.

Curitiba, 11 de agosto de 2008.



João Batista Campos

Diretor de Biodiversidade e Áreas Protegidas - DIBAP